

## **Tempos de *re-invenção, re-criação e re-encontros*: a vida tem sentidos**

Sirlei Antoninha Kroth Gaspareto<sup>1</sup>, Zenaide Collet<sup>2</sup>

### **Resumo**

Este texto busca fazer reflexões sobre o momento atual caracterizado pela pandemia da Covid-19. Evidenciamos, como ponto de partida, memórias de uma experiência fundamentada na Teologia da Libertação, a qual influenciou o surgimento dos Movimentos Sociais Populares, principalmente na região oeste de Santa Catarina. Realiza-se a análise de repetidas crises originadas no seio do sistema capitalista que, em sua perversidade, *re-cria-se* de múltiplas maneiras e se faz permanente na travessia de nossas vidas. E, em meio à pandemia, destaca-se a sofisticação tecnológica, os “paradigmas tecnocráticos” que, no dizer do Papa Francisco, orientam muitos governos ao redor do mundo, mas “não são suficientes para abordar esta crise, nem os outros grandes problemas da humanidade”. O texto menciona o importante papel das mulheres no enfrentamento à pandemia. Acrescenta-se à reflexão elementos do referencial bíblico cristão que fundamentam e provocam o questionamento: a que *re-invenção, re-criação, re-encontros* nos referimos? O propósito é refletir sobre a necessidade permanente de aprimorar os elementos narrativos e críticos considerados fundamentais enquanto perspectiva humana de continuidade da vida.

### **Palavras chaves**

Pandemia. Crise. Escolhas. Re-invenção.

---

<sup>1</sup> Doutora em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil; professora titular na Área de Ciências Humanas e Jurídica da Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Rio Grande do Sul, Brasil; militante do Movimento de Mulheres Camponesas. E-mail: sirleigaspareto@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestra em Educação pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Santa Catarina, Brasil; professora da rede estadual de Educação de Santa Catarina, Brasil; militante do Movimento de Mulheres Camponesas. E-mail: zenacollet@gmail.com.

## **Times of *reinvention, recreation and reunions*: life has meanings**

Sirlei Antoninha Kroth Gaspareto<sup>3</sup>, Zenaide Collet<sup>4</sup>

### **Abstract**

The text seeks to reflect on the current situation characterized by the Covid-19 pandemic. As a starting point, we highlight memories of an experience based on Liberation Theology, which influenced the emergence of Popular Social Movements, mainly in the western region of Santa Catarina. An analysis of repeated crises originating within the capitalist system is carried out, which, in its perversity, is re-created in multiple ways and becomes permanent in the crossing of our lives. And in the midst of the pandemic, technological sophistication stands out, the “technocratic paradigms” that, in the words of Pope Francisco, guide many governments around the world, but “are not enough to address this crisis, nor the other major problems of humanity”. The text mentions the important role of women in fighting Pandemic. Elements of the Christian biblical framework are added to the reflection that underlie and provoke the question: what re-invention, re-creation, re-encounters do we mean? The purpose is to reflect on the permanent need to improve the narrative and critical elements considered fundamental as a human perspective of life continuity.

### **Keywords**

Pandemic. Crisis. Choices. Re-invention.

---

<sup>3</sup> PhD in Regional Development, University of Santa Cruz do Sul, State of Rio Grande do Sul, Brazil; full professor in the Area of Human and Legal Sciences, Community University of the Chapecó Region, State of Santa Catarina, Brazil; activist of the Peasant Women Movement. E-mail: sirleigaspareto@gmail.com.

<sup>4</sup> Master in Education, Community University of the Chapecó Region, State of Santa Catarina, Brazil; teacher at the state education network in Santa Catarina, Brazil; activist of the Peasant Women Movement. E-mail: zenacollet@gmail.com.

## Introdução

A primeira palavra que neste momento temos o privilégio de poder falar, expressar e/ou escrever algo a “algum ser” que, como nós, segue habitando no finito universo, em tempos de pandemia, é gratidão. Palavra que têm a sua origem no latim *gratia*. Graças ou *gratus*, cuja tradução é *agradável*. Aqui se destaca o entendimento conceitual, atitudinal e procedimental de ser grato à *vida* e à oportunidade que ela nos dá de continuarmos a nossa existência. Rosa Luxemburgo, quando se encontrava presa no dia de natal, escreveu: “No meio das trevas, sorrio à vida, como se conhecesse a fórmula mágica que transforma o mal e a tristeza em claridade e em felicidade. Então, procuro uma razão para esta alegria [...]. Creio que a própria vida é o único segredo” (MENDONÇA, 2015, não paginado). Acreditamos que, hoje, o único segredo é a gratidão. Sim, agradecer hoje é acima de tudo um dever.

Referimo-nos ao sentimento de “gratidão” na condição de sobreviventes da pandemia (no meio dela e, que assim seja depois). Seria isso um privilégio? O objetivo deste artigo é apresentar reflexões sobre o momento que estamos vivendo, destacando o sentido da vida, trazendo lições que contribuam para nos repensar e nos reencontrar na busca da dignidade humana. Frente ao contexto global de crise, em que a humanidade encontra-se inquieta, entristecida e abalada, vendo-se obrigada a enterrar seus mortos como simples corpos embrulhados e empilhados numa vala comum, como se fossem objetos descartáveis, sem abraços de despedidas, entendemos que essa é nossa responsabilidade. Gratidão pertence ao ato generoso de continuarmos com vida!

O caminho metodológico utilizado foi a pesquisa bibliográfica a partir de autores(as) que refletem sobre o momento de pandemia e provocam questionamentos em torno da ação humana na sociedade, e também no referencial bíblico, cuja contribuição nos ajuda a pensar e provocar movimentos de *re-invenção*, *re-criação*, *re-encontros* conosco mesmos, com o grupo familiar e com a sociedade no sentido da vida. Esse caminho está baseado em nossa experiência fundamentada nos princípios da Teologia da Libertação e, especialmente, em nossa militância no Movimento de Mulheres Camponesas (MMC).

A pergunta que não quer calar é: frente ao que vivemos, o que temos a aprender? Parafraseando Krenak (2019), quem dera não voltarmos à normalidade, pois, se isso acontecer é porque de nada valeu milhares de mortes no mundo inteiro. Preferimos antes, seguir resistindo, lutando e acreditando na vida como nosso bem maior.

## Repetidas crises resultaram na pandemia de Covid-19

Na Grécia Antiga, quando calamidades se alastavam entre os povos, tornando-se impossível de serem controladas, a situação era equiparada ao que conhecemos e chamamos de tragédia, o mesmo que catástrofe/calamidade/desastre/fatalidade. A história da civilização é processual e faz-se na circularidade, na *criação e re-criação* nos diferentes tempos e espaços sempre de forma dinâmica e em movimento.

No que diz respeito às crises epidêmicas, não é diferente. No passado, a humanidade enfrentou tempos de grandes perdas, como o surto da peste bubônica de 1320; a peste de Marselha, em 1720; a gripe russa, em 1889-1890; a gripe espanhola, em 1918-1919; a gripe asiática, em 1957-1958; a gripe de Hong Kong, em 1968-1969; e mais recentemente os surtos de HIV/Aids e Ebola e hoje pandemia de Covid-19. Entretanto, a forma como cada Nação está agindo diante dessa pandemia explicita suas particularidades e projetos de sociedade, ou seja, o cuidar da vida ou a disputa de interesses do capital.

Não é de se estranhar que, em muitos países, por meio de seus “Estados” e “governos”, a perversidade sistêmica do capital preferiu dirigir, orientar, delegar grandes fortunas às vultuosas corporações, aos ricos e poderosos, como o que está acontecendo em nosso país<sup>5</sup>. Por isso mesmo, a crise originada pelo Covid-19 é mais uma entre tantas crises que o Brasil e demais países vêm sofrendo neste último período.

De acordo com Bauman (2001), a humanidade está vivendo profundas transformações. Seria uma nova fase da modernidade, reconhecida por alguns pensadores como pós-moderna e por outros como moderno-colonial? Ao trabalhar o conceito de modernidade líquida<sup>6</sup>, o autor nos mostra que a nova época, chamada de pós-modernidade, se caracteriza por suas relações sociais, econômicas e de produção frágeis, fugazes e maleáveis como os líquidos (MARTIN; SCHUMANN, 1999). Referindo-se ao poder que concentra a riqueza, a ciência e a tecnologia de ponta, de forma avassaladora e sem precedentes, denuncia que apenas uma parcela mínima de 20% da humanidade efetivamente usufrui da riqueza produzida no mundo. Os demais 80%, que são os que predominantemente a produzem, apropriam-se de forma marginal ou são literalmente excluídos.

---

<sup>5</sup> Como exemplo, sugerimos verificar a Proposta de Emenda à Constituição nº 10 de 2020 que institui regime extraordinário fiscal, financeiro e de contratações para enfrentamento da calamidade pública nacional decorrente de pandemia internacional delegando poder ao Banco Central a compra de Títulos.

<sup>6</sup> Para Bauman, *modernidade líquida* é um conceito que ganhou maior visibilidade pós 2ª Guerra Mundial, tornando-se mais evidente a partir da década de 1960. O individualismo expresso no empreendedorismo individual ganha valor sobre as instituições que se fragilizam cada vez mais.

Como propõe Leonardo Boff, (2020, p. 1), “chegou a hora de questionar as virtudes da ordem do capital: a acumulação ilimitada, a competição, o individualismo, a indiferença face à miséria de milhões, a redução do Estado e a exaltação do lema de Wallstreet: *greed is good* (a cobiça é boa). O resultado das virtudes do capital não poderia ser diferente: instituições enfraquecidas e despreparadas, infraestruturas frágeis e insuficientes, descaso para com a ciência, com os saberes tradicionais e com a pesquisa, desigualdade brutal entre ricos e pobres, o descaso com a vida “do outro”. A ordem neoliberal, em sua face mais robusta e renovada, flerta agora, mais do que nunca, com o fascismo de nosso tempo para não só colocar trabalhadoras/es de joelho em frente as lojas para rezar e pedir o retorno à abertura do comércio, como também zombar da vida nas expressões: “e daí?”, “eu não sou coqueiro,” “de que é a vida, todo mundo um dia vai morrer”, ou ainda, “vai morrer gente, mas não serão muitos e não dá para parar tudo por estes alguns poucos”<sup>7</sup>.

Salientam-se algumas demonstrações de sentimentos frente à Covid-19. Pandemia é fato que vem extorquindo de nossos meio milhões de vidas<sup>8</sup>, expondo outras tantas, atingindo de forma violenta os/as mais pobres, as mulheres, os/as marginalizados/as e necessitados/as do mundo. Entretanto, os fatos tendem a serem negados e as opiniões prevalecem, infelizmente. Decisões arrogantes, improvisações sistêmicas imprudentes, ambições perversas são parâmetros nocivos à causa da vida humana que se repetem de século a século, de geração a geração e colocam milhões de pessoas empobrecidas na fronteira entre a vida e a morte. Estas não têm escolhas, pois a desigualdade as coloca numa situação grave de vulnerabilidades em que suas vidas podem ser ceifadas tanto pela pandemia, quanto por outras circunstâncias básicas de vida. Oportuno seria recorrer ao caminho percorrido pelos Discípulos de Emaús (BÍBLIA SAGRADA, Lucas 24: 13-35).

Conhecer a realidade, caminhar conjuntamente, escutar, sentar-se à mesa para repartir solidariamente o pão da vida. Esse processo pedagógico possibilita reconhecer o *mestre* e

---

<sup>7</sup> Trata-se de um conjunto de falas, pronunciamentos do Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, e repercute suas decisões políticas. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/gripezinha-nao-sou-coqueiro-relembre-outras-falas-do-presidente-sobre-a-pandemia/>. Acesso em: 12 maio 2020.

<sup>8</sup> Em 28 de março de 2020, dados da OMS falavam que o novo coronavírus havia causado pelo menos 30.003 mortes em todo o mundo desde dezembro de 2019. Desde o início da epidemia, mais de 640.770 casos de contágio foram registrados em 183 países ou territórios. Em 23 de abril de 2020 esse número passou para 2.660.000 de casos no mundo, com 180 mil mortes. O número de casos positivos diagnosticados, no entanto, reflete apenas uma parte do número total de infecções, devido às diferentes políticas dos países para realizar o diagnóstico. Alguns deles testam somente pessoas que precisam de hospitalização, por exemplo (OMS. **Número de mortos por Covid-19 no mundo ultrapassa 30 mil.** Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/numero-de-mortos-por-covid-19-no-mundo-ultrapassa-30-mil>. Acesso em: 7 abr . 2020). No Brasil, em 12 de maio de 2020, eram 11.519 mortos, [...], enquanto o número de casos confirmados era de 168.331, com 67.384 recuperados.

então, realizar imediatamente o “caminho da volta” para junto da comunidade, compartilhando nela a experiência do *re-encontro* com a possibilidade de vida nova. Estaríamos nós fazendo esse caminho, assim como os discípulos de Emaús o fizeram? Será possível recuperar o lugar e o sentido da conversação nas nossas diferentes relações pessoais e sociais?

O mundo, nossas vidas, mais do que nunca se converteram em um *chat* contínuo. Paradoxalmente, a conversação emudeceu. Quem de nós não sentiu o empobrecimento da comunicação dialógica cara a cara, a falta do olhar, do afeto e da presença do outro? É oportuno lembrar que antes da pandemia estávamos em ritmo acelerado, quase insano, para dar conta de todas as tarefas e demandas impostas pelo sistema, e que assumimos como se não tivéssemos escolha, sem tempo para a troca. Isso não significa ignorar que, para muitas pessoas, a virtualidade de ocupação do tempo também traz sobrecargas, excesso de trabalhos e até exageros. O trabalho online precisa ser organizado estrategicamente como nosso novo posto de atuação, principalmente neste contexto de crise.

O que nos anima é acreditar que esta não é uma tragédia irreparável. Se, para David Harvey (2020), a Covid-19 expressa a fúria da exploração capitalista neoliberal, para Bortoleto (2020, p. 2) também pode ser visto “enquanto um signo educador que revela nossa fragilidade da condição humana [...] o coronavírus desnudou algo de fundamental: que o capitalismo não inclui a vida”. Tudo isso nos coloca frente a um novo momento, que pode ser caracterizado pela ideia de “travessia”, como descreveu Guimarães Rosa (1979) em *Grande sertão: veredas*. A vida é uma travessia e vice-versa. A travessia é a vida. Daí a importância e o desafio de pensar/agir antes, durante, no meio e depois dessa travessia.

### **As mulheres: protagonismo de resistência e enfrentamento da Pandemia**

Há tempo e em muitos espaços tem circulado a ideia de que o “futuro é feminino”, especialmente nos movimentos socioambientais. Nós mulheres, mais uma vez, de forma exemplar, nos colocamos à frente das trincheiras de resistência e enfrentamento à crise sanitária que abala a humanidade. “Penso nas pessoas, sobretudo nas mulheres, que multiplicam o pão nos restaurantes comunitários, cozinhando com duas cebolas e um pacote de arroz um delicioso refogado para centenas de crianças” (FRANCISCO, 2020, p. 1).

Também a primeira ministra da Nova Zelândia, Jacinda Arden, semanas antes da pandemia, havia anunciado que “a incessante busca pelo crescimento econômico é um mal

desnecessário e que passaria a orientar a economia para a comunidade, conexão cultural e equidade no bem-estar” (THE GUARDIAN, 2020, não paginado). As mulheres conscientes de um projeto solidário, nas múltiplas pontas, fazem a diferença. Tanto podem fazer render o alimento para que todos se saciem, como podem inverter a lógica que equivocadamente se supõe fazer a roda girar.

Aqui, lembramos das mulheres profissionais da saúde, sejam elas médicas, enfermeiras, agentes de saúde, voluntárias no combate, tantas vezes incompreendidas, às vezes sem as devidas condições, enfrentando os “(ir)responsáveis” da saúde pública, dia e noite estando lá, cuidando e protegendo vidas. Àquelas que atuam nas agroindústrias, colocando suas vidas em risco. As mulheres que, no cotidiano, cuidam das crianças, de doentes, de idosos, de pessoas com deficiências, dos lares e dos espaços comunitários pouco reconhecidos pela sociedade, sendo muitas vezes expostas a situações de violência. Nossas valorosas mulheres agricultoras, camponesas, cuja tarefa principal é a produção de alimentos saudáveis e de sentidos para a nossa convivência e relações sociais, humanas e planetárias. Referimo-nos, como base dessa reflexão, a experiência das mulheres do MMC.

Há riqueza infinita de iniciativas, mostradas nos grupos e redes sociais no âmbito local, regional, nacional e internacional. A sabedoria herdada por meio de receitas, troca de saberes, recados de animação, orientações que motivam a solidariedade. Essas iniciativas revelam criatividade nas diversas formas de animar este tempo, para também intensificar o trabalho na produção de alimentos saudáveis como estratégia central de solidariedade em tempos de pandemia e pós-pandemia. Assim como não ficam despercebidas ao estudo, construindo posicionamentos frente ao contexto em que vivem. Obviamente, o mercado do capital tentará avançar na produção de sintéticos, menos suscetíveis ao trabalho, mas acreditamos que o mercado solidário avançará na busca de outras possibilidades, por exemplo, a agroecologia.

Não é possível deixar de mencionar as mulheres cooperativadas que de maneira ou outra, estão contribuindo com a vida humana, nos espaços de cooperação. Referimo-nos às diferentes cooperativas, sejam elas de produção, de comercialização, de serviços, de créditos ou outras. Essas mulheres, dirigentes, trabalhadoras, associadas, assumem e/ou podem vir a assumir, por meio da cooperação, posicionamentos, cujo sentido maior, poderá salvaguardar a humanidade. Da cooperação e inter-cooperação nascerá a esperança de um novo porvir. Com isso, não se pode ignorar que as mulheres têm sido também as mais penalizadas, neste tempo de pandemia, em razão do impacto do teletrabalho, seja pelo recrudescimento da violência,

seja pela sobrecarga da “jornada de trabalho doméstico” (MODELLI; MATOS, 2020, não paginado).

Letycia Bond (2020), a partir Relatório do Fórum Brasileiro de Segurança Pública de abril de 2020, mostra que a violência doméstica, aumentou 44,9% em São Paulo; no Acre, 2,1%; e no Rio Grande do Norte, 34,1%. A questão não é apenas de estatística, mas sim da necessidade de desmascaramos o patriarcalismo, colonial, escravocrata, racista, intrínseco ao capitalismo, que de forma consubstancial reproduz diariamente a violência das mais diversas maneiras. É preciso reunir nossas forças, unir nossas vozes e somarmos esforços para construirmos juntas estratégias de superação da dor no meio de nós. Na experiência das mulheres camponesas, constatamos que a autonomia econômica é um dos fatores de resistência e enfrentamento à violência.

Há muito a ser feito para avançarmos na organização estratégica a partir das mulheres agricultoras, camponesas, inclusive por meio da produção de alimentos saudáveis, integrando as diferentes cadeias produtivas. Abre-se na interface de diálogos com mulheres urbanas, juntamente com todos que valorizam e dão sentido às experiências de cooperação e buscam outras perspectivas de mercado, baseado na economia solidária. Desafio que, daqui em diante, acreditamos ter um frutuoso processo como possibilidade.

As relações sociais que estabelecemos mostram elementos para avançar na consciência militante em defesa da vida. A questão da ampliação de alimentos saudáveis carece de uma elaboração/pesquisa/estudo maior, sobretudo relativa à possibilidade de ampliação e seu impacto na agricultura familiar e camponesa. E também porque é preciso desconstruir a “farsa” do agronegócio. Nesta pandemia, ficou mais evidente o quanto ainda se depende da cadeia produtiva que submete trabalhadoras/es no campo e na cidade aos interesses da indústria transnacional.

A experiência das mulheres no MMC mostra que, em movimento, as camponesas superam a condição de “massa<sup>9</sup>”, diferente do argumento de Baudrillard (1994). Para esse autor, comporta-se como massa quem se sujeita a dominação, deixando-se manipular pelos interesses do capital e do patriarcado, agindo de forma alienada, anulando-se como sujeito. Porém, no processo de libertação da mulher e de transformação da sociedade, a vida humana – política, social, econômica, cultural – adquire sentidos e significados para além dos limites do capital e do patriarcado. Ocorre que, conforme Leonardo Boff (2014, não paginado), “tudo

---

<sup>9</sup> Baudrillard explica que “a massa” é um conceito da modernidade. Só é possível pensar em massa em uma sociedade informacional como a nossa, em que os suportes midiáticos atingem, ao mesmo tempo, pessoas em escala mundial.

o que dá sentido humano não entra no PIB: o amor, a solidariedade, a poesia, a arte, a mística, os sábios”, sendo “ isso que nos faz humanos e felizes”. Pois é o que não entra no PIB que constitui o princípio da *re-invenção*, *re-criação* e *re-encontros*. Não há fórmula, não há regramento, não há receitas. Há sim princípios, orientações e apontamentos dimensionados pelas vivências e experiências plurais que, no chão da memória histórica, encontram suas raízes, como campo de possibilidades.

### **A que *re-invenção*, *re-criação*, *re-encontros* nos referimos?**

Estamos ainda vivendo os diferentes sentidos da Páscoa. Quem de nós não ouviu falar que Páscoa é tempo de *re-invenção*? Para alguns poucos, o momento serve e agrada quem comercializa ou empreende mercadologicamente sob os parâmetros e determinações do capital, pois a religião é inerente ao capitalismo que a utiliza como forma de legitimar o lucro em detrimento da vida. Entretanto, a experiência fundamentada na Teologia da Libertação, entende o movimento da *re-invenção* imerso aos significados da experiência da ressurreição de Jesus Nazareno. Referimo-nos ao Jesus histórico<sup>10</sup> que, ao acampar na terra entre nós, foi mostrando os caminhos da libertação, tomando posição e conquistando inúmeros adeptos que, feitos seguidores/as do *mestre*, redirecionaram seus perfis frente aos contextos em que estavam imersos, encontrando um novo jeito para prosseguir.

A pergunta é: que tipo de *re-invenção* será necessária para que os/as oprimidos/as se pronunciem como palavra viva que ecoe o grito por um mundo humano, justo e igualitário? Será que a tomada de consciência da importância do outro já é sinal de *re-invenção*?

A tempestade desmascara a nossa vulnerabilidade e deixa a descoberto as falsas e supérfluas seguranças com que construímos os nossos programas, os nossos projetos, os nossos hábitos e prioridades. Mostra-nos como deixamos adormecido e abandonado aquilo que nutre, sustenta e dá força à nossa vida e à nossa comunidade. A tempestade põe a descoberto todos os propósitos de ‘empacotar’ e esquecer o que alimentou a alma dos nossos povos; todas as tentativas de anestesiá-los com hábitos aparentemente ‘salvadores’, incapazes de fazer apelo às nossas raízes e evocar a memória dos nossos idosos,

---

<sup>10</sup> O projeto do Reino de Deus do qual nos referimos inicia com a gravidez de Maria de Nazaré (BÍBLIA, Lucas, 1:26-28). É rejeitada por José (BÍBLIA, Marcos, 6: 3). Viagem para Belém (BÍBLIA, Lucas, 2: 4). Os parentes a rejeitam. O Nascimento de Cristo numa gruta abrigo de animais (BÍBLIA, Mateus, 1: 23). Apresentação de Jesus ao Templo (BÍBLIA, Lucas, 2: 22-35). Teve que fugir para o Egito (BÍBLIA, Mateus, 2: 13-23). Emancipação de Jesus aos 12 anos (BÍBLIA, Lucas, 2: 41-52) Os habitantes de Nazaré querem matar Jesus (BÍBLIA, Mateus, 26). Drama de consciência de Maria. Quinta-feira santa (BÍBLIA, Mateus, 26: 14-25). Sexta-feira Santa (BÍBLIA, João, 18: 1). Crucificação e Morte de Cruz (BÍBLIA, João, 18: 1-19). Cristo nos braços de Maria. O perdão de Maria. A dúvida humana. Ressurreição, glorificação (BÍBLIA, Lucas, 24).

privando-nos assim da imunidade necessária para enfrentar as adversidades. (FRANCISCO, 2020, não paginado).

*Re-invenção* como *re-criação* do caminho que se dispõe a rever a vida. Como estão as relações humanas? A luta é o lugar por excelência da revelação de que é possível relações humanizadoras e, portanto, lugar da revelação de Deus. Aprendemos também que há sempre necessidade de passar de uma fé teórica para uma fé prática, ligando fé e vida, pensamento e ação, teoria e prática, o que entendemos como práxis. “Chama-nos a aproveitar este tempo de prova como *um tempo de decisão*. Não é o tempo do teu juízo, mas do nosso juízo: o tempo de decidir o que conta e o que passa, de separar o que é necessário daquilo que não o é. É o tempo de reajustar a rota da vida” (FRANCISCO, 2020). Como fazer do tempo, expressão máxima de cultivar a vida?

Uma sociedade de classes, opressora, cultua um Deus tirano que adora aparecer nos cultos. É o Deus Moloc. Um Deus terrível que não se preocupa com a vida do povo, mas prima por celebrações alienantes e alienadoras. Na Bíblia, Mateus (15: 8-9) chama atenção: “este povo me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de mim”. O caminho da *re-invenção* é outro. É aquele que passa pela adesão profunda ao Deus Javé. Aquele que ouve, vê, lembra, desce para junto de seu povo, fazendo-o sair da escravidão do Egito e buscar outro modo de vida (BÍBLIA, Êxodo, 3). *Re-invenção* é a escolha pelo caminho da libertação. Requer organização, planejamento, acompanhamento, inspiração, decisão de mudar. Esta *re-invenção* nos coloca em clima de *re-criação* cuja motivação maior é o *re-encontro* com nossa própria história.

Mas, a qual *re-criação* nos referimos? *Re-criar* algo que foi estragado? *Re-criar* a forma de participação que existiu um dia? *Re-criar* relacionamentos baseados no amor e na comunhão? *Re-criar* homem e mulher? *Recriar* nossas moradas? *Recriar* gesto de amor e *reconciliação* com a vida? Seria a *re-criação*, nossa capacidade de ligar a dor e a súplica com a possibilidade de apresentar alternativas de superação? Vivenciando o isolamento social “[...] que nos faz padecer a limitação de afetos e encontros e experimentar a falta de tantas coisas [...]” (FRANCISCO, 2020, p. 2), que nos faz olhar para aqueles e aquelas que nos reclamam, a reforçar, reconhecer, incentivar e re-acender a esperança.

Obviamente isso passa por rupturas que nos colocam sempre na relação conosco mesmos, com os outros, cuja condição básica é a irmandade entre nós e o mundo, com tudo o que ele contém. De uma coisa estamos convictas: o ato de *re-ligar* reivindica a crítica, a autocrítica e a correção fraterna; requer relação direta com o povo oprimido para selar passos

de *re-humanização*. Nenhuma norma deve ser maior ou passar por cima da vida, pois nos propomos a desvendar a continuidade da luta por um projeto de história gerador da vida, poisquem faz a história somos nós.

É nesta experiência que, logo ali, nos *re-encontraremos* e então nos abraçaremos, fortalecendo entre nós os laços da cooperação humanitária em defesa incondicional da vida, forjando o “inédito-viável” como explica Freire (2014, p. 149), ou seja, “uma coisa que era inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas quando se torna um ‘percebido destacado’ pelos que pensam utopicamente, o problema não é mais um sonho, ele pode se tornar realidade” (FREIRE, 2014, p. 225). Para nós, os inéditos-viáveis se concretizam nas formas de superação e construção de sinais de um novo mundo, que passa a se evidenciar no seio das lutas sociais populares em meio a tanto sofrimento.

A *Carta* de Francisco aos Movimentos Populares e Sociais indica que na crise desencadeada pela pandemia reside uma oportunidade para a humanidade repensar seus modos de vida, seus padrões de produção e consumo, hoje orientados pela competição, pelo individualismo e pelo lucro para poucos. Sintetiza o Papa:

Quero que pensemos no projeto de desenvolvimento humano integral que almejamos, centrado no protagonismo dos Povos em toda a sua diversidade e o acesso universal a esses três T que vocês defendem: terra, teto e trabalho. Espero que este momento de perigo nos tire do piloto automático, agite nossas consciências adormecidas e permita uma transformação humanista e ecológica que coloque fim à idolatria do dinheiro e coloque a dignidade e a vida no centro. (FRANCISCO, 2020, p. 2).

A possibilidade de construção de um projeto integral de desenvolvimento humano passa por decisões políticas, que estejam na contramão da lógica do crescimento puramente econômico. Interromper essa lógica é necessário e urgente. Como exemplo podemos citar Kate Raworth<sup>11</sup>, que propõe mudanças no modelo econômico em Amsterdã, capital da Holanda, “economia do donut”<sup>12</sup>. Outro aspecto igualmente importante está colocado na dimensão do ser humano. Segundo Neuri Adílio Alves<sup>13</sup> (2019), o capital dessacralizou a pessoa enquanto sujeito social compreendido em sua dimensão bio/psico/sócio/espiritual. O

<sup>11</sup> Kate Raworth é uma economista inglesa que trabalha na Universidade de Oxford e na Universidade de Cambridge. É conhecida por seu trabalho na “economia de rosca”, que ela entende como um modelo econômico que equilibra necessidades humanas essenciais e as fronteiras planetárias.

<sup>12</sup> O mundo é uma rosquinha. No meio está a humanidade e seu espaço justo e vital. Abaixo dela, estão os alicerces sociais (alimentação, habitação etc.). Acima está o teto ecológico (com os limites de recursos para que se mantenha o planeta).

<sup>13</sup> Assessor da FETRAF que trabalhou durante a segunda etapa do curso de formação de liderança/mulheres camponesas promovido pelo Movimento de Mulheres Camponesas (MMC) com o tema: “O vazio existencial: angustia e dilemas na formação do sujeito”. Chapecó, 5 de outubro de 2019.

autor reflete sobre a necessidade urgente de, na contemporaneidade, encontrarmos o equilíbrio na integralidade humana, em nossa condição biológica/física, psicológica/afetiva, espiritual/mística e cotidiana/vida social. Ainda, chama atenção para os “vazios” presentes na vida das pessoas, questionando-nos com o quê preenchemos o “vazio existencial”?

O caminho é ir ao encontro da dignidade humana, com o que dá sentido à vida. O sentido da vida é em primeiro lugar a própria vida. O belo, que está no entorno – em casa, no jardim, no quintal produtivo, na mística ou na espiritualidade –, expressa na energia que vem do coração e que nos acalenta para enfrentar os percalços que a vida permanentemente nos apresenta, proporcionando ao mesmo tempo alegria, gratidão, sensibilidade do bem viver. Isso nos leva a desnaturalizar e repudiar as relações autoritárias, violentas, odiosas contra mulheres, empobrecidos, negras/os, LGBTQIA+, indígenas, pescadoras/es artesanais, extrativistas, imigrantes entre outros grupos. Relações que fazem parte do componente conservador fascista beneficiando pequena parcela da sociedade que busca o Estado como meio para limitar a cidadania e os direitos humanos.

Neste sentido, a *re-invenção*, a *recriação* e os *re-encontros* que nos referimos virão de múltiplas e diversas formas e iniciativas. A organização popular que, decididamente, não apenas deseja romper com práticas economicistas/lucrativas, autoritarismos, troca de favores próprios das classes dominantes que agem para se manter no poder, têm papel decisivo nos processos de desenvolvimento humano, justo, belo e igualitário. Ao contrário do que se vê neste momento de pandemia, em que os capitalistas neoliberais se movimentam para uma saída perversa buscando no Estado<sup>14</sup> recursos públicos para seus negócios.

## **Considerações finais**

Seguiremos firmes e confiantes. Orientando-nos sempre a partir do vigor da luta necessária, mesmo que no solo do sistema capitalista e patriarcal fadado a sua própria destruição. Estamos cientes de que nas crises sempre é possível *re-inventar* e *re-criar*. Nosso desafio é apontar para além dele, embora ainda nele, e desde uma perspectiva de nossa própria *re-invenção*, *recriação*, pois nossa humanidade nos permite aprender permanentemente. Leonardo Boff (2020) alerta que a covid-19 é uma manifestação da natureza para repensar as

---

<sup>14</sup> Paulo Roberto Nunes Guedes, economista brasileiro, um dos fundadores do Banco Pactual e de vários fundos de investimentos e empresas. Ministro da Economia no Governo de Jair Bolsonaro.

relações que temos com os ecossistemas. Na medida em que mudamos a relação com a terra, também nos transformamos.

Em tempos de pandemias será preciso o cuidado de si através de medidas individuais, coletivas e solidárias, além de ações de garantia de direitos e de medidas estratégicas rumo a um novo mundo possível. Será necessário o apoio forte do Estado em políticas públicas que vão desde a taxação das grandes fortunas àquelas de apoio à área econômica, social, previdenciária para garantir os direitos de todos/as ao alimento saudável, à água potável, à moradia e demais necessidades básicas vitais, além de atenção integral à saúde, fortalecendo o Sistema Único de Saúde (SUS). A democracia efetiva será cada vez mais fundamental. De acordo Freire (1980), ensinar vem depois que se descobre que é possível aprender. Ou, como bem disse Rosa Luxemburgo, “não estamos perdidos. Ao contrário, venceremos se não tivermos desaprendido a aprender” (apud LOUREIRO, 1997, p. 48).

Será fundamental lucidez em nossas escolhas para não descuidarmos da busca incessante da construção e fortalecimento de redes de animação, resistência, solidariedade, socialização e afetos, nos diferentes espaços onde atuamos. Configurando-se como base indicativa de novas trocas, de convivências entre as pessoas, mesmo que em isolamento social, porém, não isolamento militante. Para nós, esses são exercícios pedagógicos que se podem constituir em alicerce de formulações que se evidenciam como escolas de participação política, sustentados pela nossa capacidade de unidade na diversidade.

Se realmente queremos mudanças, precisamos de todos/as. Trabalhadores/as do mundo se posicionando frente ao que destrói a possibilidade de convivência humana: pandemias, racismos, homofobias, fomes, violências, desigualdades, injustiças sociais, entre outros desajustes do sistema capitalista e patriarcal. Como bem expressa a canção de Zé Vicente (2004): “venham todos cantemos um canto que nasce na terra. Canto novo de paz e esperança, em tempo de guerra. Neste instante há inocentes tombando nas mãos de tiranos. Tomar terra, ter lucros matando são esses seus planos!”.

Como diz o poeta, a esperança só cresce, ela não envelhece, é só caminhar. Mulheres e homens, jovens e crianças que ousam unir suas vozes, darem-se as mãos e abraçarem a vida, seguem construindo a solidariedade numa luta global, por justiça e dignidade. Paulo Freire (1994) já dizia que a pessoa quando se põe a caminho, se desinstala, desperta, conhece e luta por direitos. Não se acomoda, ao contrário, levanta e age. No processo, se constrói sujeito. Neste contexto, ganha sentido a afirmação das mulheres em movimento no MMC: “Da luta não fujo, na luta continuaremos” (MMA/SC, 1994, p. 8).

Acolhemos, pois, a universalização dos processos mais globais de solidariedade humana, enquanto resistência, crítica e formulação utópica. A partir das/os trabalhadoras/es, sustentamos a convicção profunda de que *outro mundo é possível*. Afinal, temos a responsabilidade de fazer do momento atual tempos de *re-invenção, re-criação e re-encontros*. Para além do capitalismo patriarcal, neoliberal, racista, homofóbico a vida tem (outros) sentidos. Tais processos seguem em construção pelos sujeitos sociais, conscientes e capazes de agir autonomamente com força, coragem e luz.

## Referências

ALVES, N. A. O vazio existencial: angústia e dilemas na formação do sujeito. *In: MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS EM SANTA CATARINA. Relatório da II etapa do curso de formação* de lideranças do MMC. Chapecó-SC, 5 de outubro de 2019.

ARDEN, J. Amsterdã vai adotar modelo de “donut” para consertar economia pós-coronavírus. **The Guardian**, Londres, 8 abr. 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2020/apr/08/amsterdam-doughnut-model-mend-post-coronavirus-economy>. Acesso em: 20 abr. 2020.

BAUDRILLARD, J. **À sombra das maiorias silenciosas**: o fim do social e o surgimento das massas. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

**BÍBLIA SAGRADA CATÓLICA**. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

BOFF, L. Tudo que dá sentido humano não entra no PIB. **Eco Desenvolvimento**, Rio de Janeiro, 1º ago. 2014. Disponível em: <http://www.universojatoba.com.br/sustentabilidade/responsabilidade-social/tudo-que-da-sentido-humano-nao-entra-pib-afirma-leonardo-boff>. Acesso em: 20 de abr. de 2020.

BOFF, L. O coronavírus: o perfeito desastre para o capitalismo do desastre. **Folha online**, São Paulo, 18 mar. 2020. Disponível em: <https://leonardoboff.org/2020/03/18/o-coronavirus-o-perefeito-desastre-para-o-capitalismo-do-desastre/>. Acesso em: abr. de 2020.

BOND, L. SP: violência contra mulher aumenta 44,9% durante pandemia: mulheres enfrentam dificuldades para prestar queixa, alerta FBSP. **Agência Brasil**, São Paulo, 20 abr. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-04/sp-violencia-contra-mulher-aumenta-449-durante-pandemia>. Acesso em: 1º maio 2020.

BORTOLETO, E. J. **Coronavírus, signo educador**. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/notes/periferia-em-foco/coronav%3%ADrus-signo-educador/2748058805417735/>. Acesso em: 30 abr. 2020.

CORREIO. “**Gripezinha**”, “**não sou covheiro**”: lembre outras falas do presidente sobre a **pandemia**. 30 abr. 2020. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/gripezinha-nao-sou-coveiro-relembre-outras-falas-do-presidente-sobre-a-pandemia>. Acesso em: 12 maio 2020.

FRANCISCO. **Carta do Papa Francisco aos Movimentos Populares**. Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020 (Domingo de Páscoa).

FRANCISCO. Homilia do Papa Francisco na celebração extraordinária de oração pela pandemia da Covid-19. **Agência Ecclesia**, Lisboa, 27 mar. 2020. Disponível em: <https://agencia.ecclesia.pt/portal/homilia-do-papa-francisco-na-celebracao-extraordinaria-de-oracao-pela-pandemia-da-covid-19/>Acesso em: 24 abr. de 2020.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, P. **Cartas à Cristina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 57. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

HARVEY, D. Política anticapitalista em tempos de COVID-19. **Agência Envolverde Jornalismo**, São Paulo, 2 abr. 2020. Disponível em: <https://envolverde.cartacapital.com.br/a-politica-anticapitalista-em-tempos-de-covid-19/>. Acesso em: 20 abr. 2020.

KRENAK, A. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. *E-book*. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/amanh%C3%A3-n%C3%A3o-est%C3%A1-%C3%A0-venda-ebook/dp/B0876HG28P>. Acesso em: 6 maio 2020.

LOUREIRO, I. M. Democracia e socialismo em Rosa Luxemburgo. **Crítica Marxista**, n. 45, 1997. Disponível em: [https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos\\_biblioteca/4\\_Isabel.pdf](https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/4_Isabel.pdf). Acesso em: 20 abr. 2020.

MENDONÇA, J. T. C. de. A carta de Rosa Luxemburgo sobre a alegria do Natal, em plena prisão. Tradução de Moisés Sbardelotto. **Revista IHU on-line**, Vale do Rio dos Sinos, 14 dez, 2015. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/169-noticias/noticias-2015/550093-a-carta-de-rosa-luxemburgo-sobre-a-alegria-do-natal-em-plena-prisao>. Acesso em: 1º maio 2020.

MARTIN, P. H.; SCHUMANN, H. **A armadilha da globalização**. 5. ed. São Paulo: Globo, 1999.

MODELLI, L.; MATOS T. Como a pandemia de coronavírus impacta de maneira mais severa a vida das mulheres em todo o mundo. **Folha on-line**: G1, São Paulo, 19 abr. 2020. Disponível em: <http://abre.ai/ba4l>. Acesso em: 23 abr. 2020.

MOVIMENTO DE MULHERES AGRICULTORAS DE SANTA CATARINA (MMA/SC). **Cartilha do MMC**: da luta não fujo, na luta continuaremos. Chapecó/SC, 1994.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Número de mortos por Covid-19 no mundo ultrapassa 30 mil.** Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/numero-de-mortos-por-covid-19-no-mundo-ultrapassa-30-mil>. Acesso em: 7 abr. de 2020.

ROSA, J. G. **Grande sertão: veredas.** 13. ed. Rio de Janeiro, 1979.

ZÉ VICENTE. Cantos dos mártires da terra. *In*: ZÉ VICENTE. **Em nome do primeiro amor.** São Paulo: 2004. 1 CD. Faixa 17. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/ze-vicente/cantos-dos-martires-da-terra/>. Acesso em: 12 abr. de 2020.

Submetido em 25 de junho de 2020.

Aprovado em 18 de agosto de 2020.